

# UM ALUNO, UM CAMINHO PERCORRIDO, UMA ESTRADA CONSTRUÍDA JUNTOS...

Maria Adelia Aparecida de SOUZA<sup>1</sup>

## RESUMO

Esta é uma homenagem ao professor Cesar Miranda Mendes, que foi meu orientando de doutorado na Universidade de São Paulo (USP). Este texto procurará resgatar um pouco da história acadêmica de um estudante de Geografia na USP, num momento de grande efervescência epistemológica com a convivência junto ao Professor Milton Santos. Em seguida é comentada sua tese de doutorado, tal como foi elaborada e defendida além, de uma reflexão sobre os avanços da Geografia praticada naquela época de transição epistemológica, até os dias de hoje. Desta maneira o leitor não apenas conhecerá a vivência acadêmica de um aluno num laboratório de pesquisa realizando seu doutorado, mas, especialmente, para os geógrafos leitores, vislumbrarem e refletirem sobre a evolução epistemológica da disciplina geográfica.

**Palavras chave:** Verticalização em Maringá. Vida acadêmica. Epistemologia da Geografia.

---

<sup>1</sup> Doutora em Geografia pela Universidade de Paris I (1975). Atualmente, é professora titular de Geografia Humana da Universidade de São Paulo (aposentada). É Catedrática de Direitos Humanos da Universidade Católica de Lyon (França) e recebeu da Academia de Paris o I Premio Internacional da Francofonia, em Urbanismo.

## UN ÉTUDIANT, UN CHEMIN PRIS, UNE LONGUE ROUTE CONSTRUITE...

### RESUMÉE

Il s'agit dans cette réflexion d'un hommage au professeur Cesar Miranda Mendes, qui était mon étudiant de doctorat à l'Université de São Paulo. On essaiera de récupérer une partie de l'histoire académique de cet étudiant, dans un moment de discussion épistémologique intense sur la Géographie, avec la présence du Professeur Milton Santos dans notre Laboratoire de Recherche - LABOPLAN. En suite, sa thèse de doctorat sera commentée, ainsi que, le progrès de la géographie pratiquée à cette époque de transition épistémologique. De cette manière, le lecteur ne connaîtra pas uniquement l'expérience académique d'un étudiant mais, aussi les géographes, pourront observer l'évolution épistémologique de la discipline, que nous pratiquons.

**Mots clés:** Verticalisation à Maringá. Vie académique. Epistémologie de la Géographie.

## **1 INTRODUZINDO: UM DESAFIO, UM AMADURECIMENTO INTELECTUAL E EXISTENCIAL, UMA VIDA...**

Tempos acelerados que deixam a vida escorrer pelas mãos como água cristalina quando se trata de lidar com lembranças, vivências, desafios, compartilhamentos e compromissos pessoais, éticos e profissionais.

Assim, fico recordando de meu aluno, que nos deixou tão cedo, logo depois que eu o reencontrei em Maringá, cerca de três décadas depois de sua defesa de tese de doutorado em 12 abril de 1992, no Salão Nobre da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Recordo-me aqui, do que aprendi lendo Bosi (1994, p.48), citando Bergson: “*é do presente que parte o chamado ao qual a lembrança responde*”.

Em sua magistral obra sobre lembranças intitulada *Memória e Sociedade: Lembranças de velhos* Bosi (1994) nos possibilita reflexões essenciais sobre este exercício, nos introduzindo profundamente no pensamento bergsoniano.

No homem a memória é menos prisioneira da ação, reconheço-o, mas adere a ela, ainda: nossas lembranças, em um momento dado, formam um todo solidário, uma pirâmide cujo cimo, incessantemente móvel, coincide com nosso presente e mergulha com este no futuro (BERGSON, 1959, p. 886).

Pude nesse reencontro em Maringá, duas décadas depois de sua defesa do doutorado constatar que Cesar Mendes já não era mais aquele jovem tímido, sempre muito calado e reservado, assistindo minhas aulas e seminários de pesquisas e orientação coletiva no Laboplan – Laboratório de Pesquisa e Planejamento Territorial e Ambiental da USP! Agora relembro que estávamos bem no auge da euforia que vivíamos e do prazer acadêmico cotidiano que tínhamos os alunos e todos os professores que lá trabalhávamos: Armen Mamigonian, Milton Santos, Rosa Ester Rossini, Regina Sader e eu.

Foi pensando em tudo isso, no tempo vivido, que fui buscar inspiração fora da Geografia para prestar uma bonita homenagem a meu aluno.

Bergson é extremamente inspirador para trazer para o presente o futuro de então e, poder vivenciá-lo, ainda que com tristeza, pelas perdas no caminho.

Tempos de convivência acadêmica, inesquecíveis!

Relembramos na última vez que estive com Cesar, nesse reencontro em Maringá, os bons momentos vividos! Percebi, pelas histórias que me contou que já estava com preocupações sérias com sua saúde, cujo principio eu conhecera naquelas trilhas no final dos anos 80 e início dos 90, na USP, em São Paulo. Meu aluno ficou gravemente doente, com um problema cardíaco! Tivemos muita preocupação durante sua hospitalização na Santa Casa de São Paulo, na Vila Buarque...

Difíceis são os tempos que atravessamos quando elaboramos doutorado! Não há como escapar da tensão, da preocupação com o êxito, com o ineditismo, com a erudição a ser obtida e exibida na tese e na sua defesa! Tempos sérios, com compromissos profundos com a existência e com a vida profissional dentro de uma instituição acadêmica.

Nesse reencontro com Cesar Mendes, em 2014 em Maringá, percebo um austero e refinado professor universitário, com uma clara e visível elegância acadêmica. Delícia de diálogo que somente professor e aluno sabem o que significa esse ritual. Sim, um ritual do encontro entre o aluno e o seu professor, décadas depois! Cerimonias acadêmicas preservadas, como décadas antes! Um privilégio vivê-las!

No final dos anos 80 do século XX, um encontro entre uma jovem professora, que defendera seu doutorado em Paris em 1975, portanto, já com mais de dez anos titulada e com competência para orientar, mas encarava de uma só vez, seus três primeiros doutorandos em Geografia e, entre eles um jovem paranaense que desejava estudar a verticalização em Maringá e, ouvira dizer que eu é quem criara esse conceito, pouco tempo atrás.

De fato, em 1987 eu defendera minha tese de Livre Docência na USP, bem mais tarde publicada pela Hucitec e Edusp (SOUZA, 1992), buscando compreender esse gigantesco processo de criação fictícia de solo valioso, vendendo através do equivalente valor do terreno que apoia o edifício, a fantasia da casa própria a preço de ouro!

Tínhamos muitos desafios a enfrentar: eu iniciando meu aprendizado na orientação de doutorados – eram três alunos que eu deveria transformar em doutores em Geografia – e eles com uma enorme expectativa de tratar com uma professora iniciante, um tema tão complexo e desafiador, que exigia também a compreensão do que era o processo de metropolização brasileiro.

Naquele tempo, não apenas lia um dos mais necessário e pequeno livro escrito por Milton Santos – O Trabalho do Geógrafo no Terceiro Mundo – como me inspirava e refletia,

insistentemente, sobre a epígrafe do capítulo 4 desse livro, inspiração do autor transcrita a seguir, que também carrego até hoje, quando reflito sobre minhas práticas geográficas:

Quando a divisão de nossos pensamentos não é bem feita, ela confunde ao invés de esclarecer. É necessário que um trinchador, ao trincar, conheça as juntas, sem o que ele dilacerará a carne ao invés de cortá-la. (LEIBNIZ *apud* SANTOS, 1978, p. 21).

Nesta homenagem que presto a meu orientado, pensei em refletir sobre essa trilha acadêmica que percorremos juntos, nossos fundamentos, nossas hipóteses de trabalho, minhas didáticas e pedagogias e a Geografia com a qual lidamos naqueles tempos e, hoje vislumbrar como ela evoluiu, sobretudo, nas minhas práticas docentes e de pesquisador da nossa disciplina.

Contudo, no decorrer dessa caminhada, constato que nossas pesquisas tinham princípios e hipóteses comprovadas pelas teses elaboradas, como que prevendo o que aconteceria nas metrópoles maiores e consolidadas como São Paulo, que na época eu estudava obcecadamente com meus alunos ou, nas jovens e pequenas metrópoles das zonas ricas brasileiras, como foi o caso de Maringá, muito bem trabalhado por Cesar Mendes.<sup>2</sup>

A verticalização como manifestação de um processo acelerado de metropolização, nos trazia outra enorme preocupação que só resolveríamos mais tarde, com a incorporação da definição do espaço geográfico como instancia social e como uma totalidade em movimento. Essa preocupação, naqueles tempos, era vinculada ao resgate do espaço da cidadania, da vida digna uma vez que com a mesma dimensão desse processo novo na metrópole, sua periferia pobre crescia com a mesma intensidade e dinâmica, mas na contramão da história, resultante do intenso processo existente até hoje, o qual denominamos agora de desigualdades socioespaciais. Naquela época, ainda bastante influenciados pela sociologia, chamávamos de “espaço da pobreza”.

---

<sup>2</sup> A autora deste texto não teve condições de pesquisar o trabalho desenvolvido por Cesar Miranda Mendes, durante sua permanência na UEM – Universidade Estadual de Maringá, a não ser pelas informações que fui aqui e ali obtendo com seus alunos em Maringá quando nos encontramos e com nossos colegas professores: suas aulas, as disciplinas que ministrava, o Laboratório que fundou e a excelência que buscou dar a chamada Geografia Urbana de Maringá, a partir de seus trabalhos e de seus alunos. Chamo, no entanto aqui atenção para um aspecto da nossa vida acadêmica de outrora, hoje completamente modificada: a orientadora obteve o título de doutor em 1975 e vai orientar seu primeiro doutorado treze anos depois! Isso após haver orientado alguns mestrados, preparatórios para esse desafio maior da vida docente, universitária. Meu aluno se graduara na UFPR em 1980 e irá se doutorar 12 anos depois... Percebe-se que o conhecimento era buscado de forma assentada, calmamente, e o carreirismo verificado hoje, naquele tempo, felizmente não existia...

Mais uma vez, Milton Santos nos inspirava:

A ideia de modelo cívico se inclui nesse tipo de preocupação. Mas um modelo cívico autônomo e não subordinado ao modelo econômico, como existe agora. Numa democracia verdadeira, é o modelo econômico que se subordina ao modelo cívico. Devemos partir do cidadão para a economia e não da economia para o cidadão (SANTOS, 1987, p. 5).

A verticalização, dinamizando a construção civil extraordinariamente, sempre foi entendida como a melhor possibilidade de gerar empregos, numa perspectiva neoliberal, onde o uso do território denso técnica e informacionalmente é o motor indispensável da engrenagem da acumulação capitalista. E seu território – e é aí que reside o equívoco – é sempre aquele de interesse do capital imobiliário, fundiário, produtivo, financeiro, qual seja aquele onde o mercado é enorme: nas grandes cidades. (SOUZA, 1992). Fermento também da produção das desigualdades socioespaciais.

Trago agora Richard Peet, ilustre geógrafo inglês que sempre trabalhou nos Estados Unidos e que também nos deixou faz pouco tempo, um argumento extraído de uma coletânea de seus artigos juntados em um magnífico livro, organizados por Nuria Benach que corrobora com esta minha reflexão:

Um aspecto central da ideia de uma geografia da desigualdade é entender que um indivíduo, ao preparar-se para o mercado de trabalho, somente pode aproveitar os recursos sociais de um área limitada do espaço<sup>3</sup>. Esta ideia está mais bem explicada pelo modelo espaço-tempo de Hägerstrand, que descreve o “entorno da vida cotidiana” ao redor da residência de uma pessoa cujos limites permanecem fixados pelos atritos físicos da distancia e os atritos socioespaciais de classe e raça<sup>4</sup>. (BENACH, 2012, p. 106).

Jamais uma política territorial é imaginada em socorro de tantas lutas e políticas setoriais completamente desconstruídas, envolvendo um enorme desperdício de energia política! O multisetorial, sempre citado e aventado, não é sinônimo de totalidade, ao contrário, é um equívoco agravante.

---

<sup>3</sup> Publicações originais: Peet, R. Some Issues on the Social Geography of American Poverty in: PEET, R. (ed.), Geographical Perspectives on American Poverty. Antipode Monographs in Social Geography, 1, Worcester, Massachusetts: Antipode: p 8 – 10, 1972. (BENACH, 2012). Tradução do original feita pela autora desta homenagem.

<sup>4</sup> HÄGERSTRAND, T. What about people in Regional Science?, in: Papers, Regional Science Association, 24: p: 7 – 21, 1970. Tradução do original feita pela autora desta homenagem.

Assim busquei em minha pesquisa elucidar a verticalização. Cesar Mendes percorreu outro caminho em seu precioso trabalho buscando dar uma ideia desse mercado através do dimensionamento dos edifícios construídos em Maringá, oferecendo o número deles e as quantidades de metros quadrados de construção produzidos! E esse produto também é avaliado e vendido em metros quadrados, nos ditos mercados imobiliários!

A postura neoliberal do pensamento urbano e urbanístico atual, sempre esteve muito presente nas lutas da cidade que além de setoriais são aliadas ao mercado, ignorando completamente a inserção do território usado – totalidade histórica da existência – como categoria social indispensável na elaboração das políticas de lutas por habitação, saneamento, transporte, especialmente aquelas de caráter popular. O território é sempre confundido com localização, endereçamento e não como uma categoria de análise social onde, tudo o que for necessário para a vida digna da pessoa precisa lá estar, ao seu lado, minimizando os atritos sugeridos por Peet e Hägerstrand, acima citados. As lutas urbanas não são setoriais, mas territoriais, neste sentido aqui proposto. O território usado é o elemento da unidade dos usos mínimos de equipamentos e serviços de interesse social, indispensáveis à vida humana digna.

Resta, ainda, ponderar sobre meu enorme aprendizado em função da longa experiência adquirida na orientação de jovens que vinham de vários cantos do Brasil, pelos desafios que enfrentavam para vivenciar uma grande universidade brasileira e, acostumar-se ao cotidiano da vida em uma megametrópole.

Para mim, era importante acolhê-los e ajuda-los no ajuste de sua formação graduada, em função das carências das universidades de onde alguns vinham, onde as bibliotecas, em boa parte dos casos eram escassas em títulos importantes e fundadores da nossa disciplina. A consequência da ausência de bibliografias fundamentais tinha como repercúcia em um ensino frágil e deficiente.<sup>5</sup> Os próprios alunos adquirem essa consciência de sua fragilidade, o que exige deles um esforço duplo de aprendizagem. Éramos bastante exigentes na formação pós-graduada na USP, naqueles tempos.

---

<sup>5</sup> Percorrendo agora, sozinha, essas mesmas trilhas percebi que Cesar Miranda Mendes e, pouco tempo depois, Antonio Francisco Zibordi de Santa Maria no Rio Grande do Sul e, Denis Carloto também paranaense foram os únicos três alunos que tive vindos da região sul do Brasil, além de alguns paulistas e paulistanos. Tenho muito orgulho de dizer que ajudei a formar dezenas e dezenas de nortistas e nordestinos, do Amazonas, Pará, Ceará, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Sergipe, como meus orientandos de mestrado e muitos de doutorado.

## 2 UM COMPROMISSO, UM MÉTODO, UMA PEDAGOGIA E UMA DIDÁTICA

Sempre tive alunas e alunos, cada um a seu modo, muito comprometidos em realizar pesquisas que não apenas fizessem avançar o conhecimento disciplinar propriamente dito, como também, pudessem clarear algum problema sobre a realidade brasileira, valendo-se do método geográfico.

Cesar Mendes chegou a São Paulo para fazer seu doutorado, trazendo em sua bagagem acadêmica uma graduação feita na UFPR - Universidade Federal do Paraná em Curitiba (1980), um mestrado feito na UNESP – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho em Rio Claro. Essa sua trajetória acadêmica é extremamente interessante, pois o fez percorrer distintas “escolas” da Geografia Brasileira. E, evidentemente, isso marcou sua formação e a construção de seu próprio caminho intelectual.

A perspectiva de trabalho descrita antes, no primeiro parágrafo, eu estimulava junto aos alunos, especialmente aqueles do doutorado. Minhas práticas como orientadora não apenas faziam com que se conhecessem e se sentissem integrantes de um grupo logo, iniciando-se na mútua ajuda intelectual e científica que brotava. Mas, essa tarefa era especialmente mais complicada, nos seminários de leitura, onde as trocas eram bem desiguais, em função das bibliotecas dos cursos que haviam feito e das dificuldades que alguns tinham de acessar autores importantes, que deveriam ter sido lidos em várias línguas, para encarar um mestrado e um doutorado. Meus seminários de leituras tinham esse objetivo de aceitação da diversidade, logo da convivência no diverso. Experiência intelectual e metropolitana, que eles tanto precisavam.

E, para treinar a desenvoltura na pesquisa, na busca bibliográfica, na construção e compreensão do método e, na montagem da argumentação eram propostos os seminários onde todas e todos expunham suas pesquisas, apresentavam dificuldades e resultados. O ineditismo jamais foi quebrado entre meus alunos e o apoio intelectual jamais foi negado, em termos de sugestões para superação das dificuldades que todas e todos apresentavam, mas sempre se ajudavam, mutuamente. Bonito vê-los relatar sobre leituras feitas, dificuldades encontradas e a madures intelectual que brotava na sala! Emociono-me quando revejo aqueles jovens entusiasmados com seus trabalhos e encantados com a vida solidária que conseguimos gestar no Laboplan daqueles tempos, repletos de vida acadêmica, de interesses e curiosidades intelectuais.



Lembro-me, especialmente de Cesar Mendes, sempre preocupado, atento e calado... Uma atmosfera, segundo eles, muito diferente daquela de suas escolas! Muitos dos alunos que passaram pelo Laboplan, daqueles tempos até hoje, exaltam o clima então reinante.

Uma forte pedagogia voltada não apenas para o conhecimento geográfico, mas para a leitura de obras de cientistas políticos, economistas, sociólogos, arquitetos e até filósofos, que sempre causavam espanto pelas dificuldades que apresentavam para sua compreensão, foram lidos e, superados. E, compreendidos!

Revido a tese de Cesar Mendes e alguns dos seus artigos que fui lendo para acompanhar sua estrada, como sempre faço com todas e todos os alunos, posso exibir argumentos de como isso foi acontecendo e sendo assimilado na sua formação intelectual. Demonstrarei isso, mais adiante neste texto.

Contudo, o trabalho intenso nos seminários de leitura, de pesquisa e de tese, a obtenção dos créditos nessa maldita e ginásiana organização americanizada da pós-graduação brasileira, foi motivo de cansaço e esgotamento de alguns alunos. Cesar não conseguiu escapar disso e teve um enfarte, que me deu enorme preocupação. Ele o teve em casa e foi acudido na Santa Casa de Misericórdia da Cidade de São Paulo, ali na Vila Buarque. Convoquei os amigos médicos que trabalhavam lá para assisti-lo, pois, desde que deu entrada no hospital eu fui como, aliás, em todos os outros casos, avisada por telefone. E, sempre de madrugada!!!

Felizmente, ele se refez e terminou o doutorado. Mas, anos depois, sucumbiu nessa mesma trilha, sempre calado e discreto. Assim, sempre vi meu aluno Cesar Mendes.

### **3 A GEOGRAFIA COMO POSSIBILIDADE DE COMPREENSÃO DE PAISAGENS DESAFIANTES: A DESIGUALDADE SOCIOESPACIAL E A METROPOLIZAÇÃO, EM QUESTÃO**

Os leitores podem imaginar o que acontecia no mundo, na ciência e, especialmente, na Geografia brasileira, produzida em São Paulo, naqueles tempos dos anos 80 e 90 do século passado, com a presença de professores bastante antenados com os acontecimentos no mundo, engajados na vida acadêmica e, sobretudo, com a contribuição que havia nos trazido, Milton Santos com sua Geografia Nova.

Os seminários que Milton Santos e eu organizávamos para discutir sua obra e outros temas de interesse sobre a compreensão geográfica do mundo, da América Latina e do Brasil faziam com que juntássemos, periodicamente, todos nossos orientandos para debater temas epistemológicos, discutir a anunciada globalização e, até mesmo a loucura da proposta do “fim da história”.

Cesar viveu e vivenciou, bem como participou ativamente do planejamento de um grande Encontro Internacional que organizamos, Milton Santos e eu, para discutir em 1992 *O novo mapa do mundo!* Geógrafos ilustres e do mundo todo, acolheram nosso convite e vieram discutir conosco nossas pesquisas, as teses que orientávamos apresentadas por nossos alunos. Tempos de grande efervescência da Geografia em São Paulo e que ele pode vivenciar, aprender e certamente, depois, ensinar.

No entanto, era nesse caldo de primorosa vida acadêmica que nossas ideias avançavam e nossas pesquisas foram sempre inovadoras, causando para a maioria de meus alunos complicações na obtenção de bolsas de estudo. O nosso vanguardismo geográfico, anos depois, fez com que os projetos de pesquisa de meus alunos, durante cerca de duas décadas, deixassem de aparecer na lista de bolsistas da Fapesp e do CNPq. Nos últimos tempos, conseguiam obter restos de bolsas, quando havia, dos estudantes que iam defendendo suas teses. Tempos sombrios da vida acadêmica. E injustos, onde o número de páginas define mais do que o conteúdo, na escolha de alunos e de bolsistas.

Todavia, insisto, Cesar estava sempre calado, atento e tenso... Sempre.

Cesar Mendes e Janete Gentil foram meus dois primeiros alunos geógrafos de doutorado decididos a comprovar e fazer avançar a compreensão geográfica brasileira, dos processos de verticalização<sup>6</sup>. Ambos foram contemporâneos e defenderam suas teses em 1992: Cesar Mendes refletindo e estudando a verticalização de Maringá e, Janete Gentil estudando Belém. Posteriormente, muitos foram os geógrafos brasileiros a estudar essa temática da verticalização pelo Brasil afora, compreendendo-a a partir de caminhos próprios.

Em sua tese de doutorado Cesar Mendes buscou explicar o processo de verticalização de Maringá, como uma manifestação específica da paisagem da urbanização brasileira, aliás,

---

<sup>6</sup> Antes deles, na FAU USP, Nadia Somek em 1987, no mesmo ano em que defendi minha livre docência intitulada *A identidade da metrópole – a verticalização em São Paulo* apresentou sua dissertação de mestrado, sob minha orientação trabalhando também com esse tema, que ela retoma em seu doutorado, ainda sob minha orientação, cuja tese foi defendida em 1994.

hipótese de trabalho de muitos do nosso grupo. No entanto, seu ineditismo esteve em compreendê-la a partir da riqueza advinda da poderosa agricultura do norte do Paraná auxiliada pelos enormes investimentos e incentivos fiscais do governo federal. Tanto Cesar Mendes quanto os demais alunos que orientei perseguiram meu trabalho buscando na especulação imobiliária e na exacerbação do processo de valorização do “solo criado” expresso pela forma do edifício, as questões centrais a serem desvendadas por nossos estudos.

“O estudo do processo de verticalização se tornou uma forma privilegiada de um segmento importante da reprodução do capital no espaço, aliada a uma nova forma (modo) de morar” (MENDES, 1992), destacava meu aluno, já no resumo da sua tese, colocado em sua versão final.

Outro aspecto metodológico que vai caracterizar toda a produção de meus alunos foram nossos exercícios de periodização, inspirados em Marx. Cesar Mendes identificou em Maringá, três períodos distintos do seu processo de verticalização, a partir da quantidade de edifícios construídos e as circunstâncias desse processo de “produção e apropriação” do espaço. Esses conceitos, bem a gosto daqueles tempos, inspirados na obra de Henri Lefebvre, hoje estão completamente superados pelas propostas epistemológicas contidas na obra de Milton Santos, consagradas em seu livro *A natureza do espaço*, editada primeiramente pela Hucitec em 1996 e, posteriormente pela Edusp, em 2008. Obra seminal, que vai surgir bem depois do doutoramento de Cesar Mendes e inovar, sobretudo, meu método de trabalho de pesquisa e na orientação de alunos.

Os períodos da verticalização em Maringá, definidos por Cesar Mendes foram os seguintes:

1. Primeiro período que vai de 1960 a 1969, onde dez edifícios são construídos, equivalendo a 47.877,66 metros quadrados de construção.
2. Segundo período que vai de 1970 a 1979, onde no mesmo espaço de tempo, agora 39 edifícios são construídos em Maringá, equivalendo a 135.730,82 metros quadrados de “espaço construído”, ou seja, um processo que quase será triplicado;
3. Terceiro período, que vai de 1980 a 1989, mesmo espaço de tempo, onde 711 edifícios são construídos, correspondendo a 2.455.045,59 metros quadrados.

Não é sem razão que afirmei em minha pesquisa sobre o mesmo tema que a verticalização foi o maior negócio do capitalismo, pois ao articular as diferentes “formas” do

capital – o fundiário, o produtivo, o imobiliário e o financeiro, acelera exorbitantemente o processo de acumulação. Tristemente hoje, a construção civil e o enorme processo de acumulação que ela envolve, ainda é dinamizada para resolver o problema de desemprego, sobrecarregando e problematizando com a concentração de sua atividade e do produto que vende, a vida nas grandes cidades, sobretudo, quando sabemos que em assim procedendo, facilitando o processo de verticalização e densificação construtiva, nossos dirigentes estão enxugando gelo, imaginando estar resolvendo problemas relativos ao que economistas que não entendem de uso do território denominam de economias da urbanização ou de aglomeração.

Há renomados arquitetos que ainda defendem essa tese imaginando que o território da nação só existe nas grandes metrópoles, para serem usados!

Aí surge uma discussão que já fazíamos outrora, porém, com método antiquado, para resolver essa questão, exposta no documento da primeira política urbana brasileira, feita por Francisconi e Souza (1976), resumida no capítulo IX do II PND do Brasil e publicada, pelo IPEA. Alertávamos, então, para a necessidade de definição de uma política nacional, onde o território brasileiro entrasse em cena e as diretrizes variassem de acordo com as distintas regiões e os subespaços - de controle, contenção, modernização, promoção - do processo de urbanização, especialmente definidos para as ações estratégicas que redundariam em programas e projetos prioritários, territorialmente definidos, configurando a Política Urbana Brasileira.

Hoje, com o auxílio da revolucionária obra de Milton Santos, não se fala mais em produção do espaço, mas em produção do uso do território – chave central para a constituição de um novo método de pesquisa - onde a conflitualidade social será expressa pelas disputas de posse e uso, onde reina definitiva e conceitualmente o conceito de mercado fundiário, mercado imobiliário. Esse conflito, como temos constatado, introduz algo que deforma a discussão sobre o atendimento da questão da habitação para os pobres, uma vez que as palavras oferta e demanda (logo mercado) e os índices de ocupação e a localização, como elaborávamos naquela época, continuam a ser os conceitos chaves desse problema que se agudiza, sempre.

O espaço geográfico, espaço banal, espaço de todos constituindo-se em uma instância social – aquilo que se impõe a tudo e a todos - não se produz. Toda instância é abstrata! Mas o que se produz são as paisagens, pelo uso do território que é o espaço geográfico historicizado, dando identidade a cada formação socioespacial, pela sua paisagem visível a olho nú e que expressa os seus pactos socioespaciais.

Portanto, o método para conhecer a existência humana na superfície do planeta e tudo o que ela necessita para viver bem, a partir da leitura que a autora deste texto faz da obra de Milton Santos, reside na compreensão e adoção do território usado como categoria de análise social, considerando-o como elemento central do método, logo do conhecimento. O território usado é uma totalidade social, em movimento, constituído pela história de cada povo, de cada nação, de acordo com suas práticas sociais.

Acreditamos que a adoção da abordagem setorial – a habitação, o transporte (hoje travestido cinicamente de mobilidade), o saneamento básico, dentre outros, não resolverá a questão das “demandas” da população, especialmente constituída de pobres, pois o seu problema não é setorial, mas territorial, como insistentemente assinalado nesta reflexão em homenagem a meu aluno e colega.

São as possibilidades de uso do território por tudo aquilo que um cidadão necessita para ter dignidade existencial, como ser humano, é que está em jogo. E o espaço geográfico, uma instancia social, entendido como uma indissociabilidade entre sistemas contraditórios de objetos e ações, sendo uma totalidade-mundo dinâmica e complexa, da maneira como se nos apresenta no período atual, não pode ser tratado de forma positivista, fragmentado. É o território como totalidade que se define como categoria de análise para a formulação de políticas interdependentes, que necessitam ser tratadas juntas! E, não adianta valer-se do conceito neoliberal e positivista de multisetorialidade, que ele jamais atingirá a totalidade que define a categoria de análise social **território usado**.

Equívocos que persistem entre geógrafos, urbanistas, planejadores ditos urbanos e regionais, que não perceberam que desde o início do século passado, com a doutrina proposta pela Carta de Atenas e a lida funcionalista do espaço (logo, setorial) da cidade, não se conseguiu minimizar o problema da população pobre que nela vive. E, quando isso ocorre é devido a projetos que não dizem respeito a sua construção propriamente dita, mas pela ação de política territorial, não setorial, firme e decidida.

O território na sociedade do mundo pobre está doente, pois seu uso é seletivo. Uma expressão disso é dada pela dinâmica do processo de verticalização funcionalizado principalmente pela habitação que é inatingível para a maioria das pessoas, nesse sistema que estamos vivendo. E esse avassalador processo de construção de moradias que nunca atinge os pobres é realizado em detrimento do compromisso político de usar o território para,

concomitantemente, eliminar a fome, o analfabetismo, as doenças, para todas e todos... Infelizmente, ainda não é o planejamento territorial que é assimilado, pois revolucionário, mas o setorial que é do maior interesse corporativo e neoliberal.

E, os geógrafos não conseguem ser protagonistas nesse processo todo, de produção de conhecimento ou de preparo de estratégias territoriais para intervir nesse processo perverso de produção de desigualdades socioespaciais.

Temos uma disciplina em dissolução, pela falta de compreensão da maioria, sobre qual seja seu objeto de estudo e, assim, adquirir maturidade epistemológica, participando como liderança tanto no processo de produção do conhecimento geográfico, quanto nos processos de intervenção para a melhoria da vida das pessoas.

#### **4 CONCLUINDO... EM HOMENAGEM A CESAR MENDES**

Estas reflexões são aqui expostas em função da motivação oferecida pela releitura da tese de doutorado de Cesar Mendes, a partir daqueles memoráveis tempos na USP.

Da trilha, do caminho à grande estrada do conhecimento, cada um pode colocar mesmo que seja, apenas, um grãozinho de areia.

Entretanto, há uma autoestrada, ainda, a ser construída para que o território usado consiga ser não apenas uma palavra dita por todos de forma vazia, mas uma ferramenta analítica poderosa de análise social.

Assim sendo, que ele se torne efetivamente uma categoria política que fundamente programas de gestão pública, a partir de políticas discutidas com base territorial e popular, executadas por governo cujos mandatos lhes tenha sido outorgado por esses mesmos agentes sociais, denominado neoliberalmente por muitos de “atores”, como se vivêssemos em um teatro ou circo, interpretando personagens!

Não somos “atores”! Somos agentes na vida, responsáveis por todas as nossas ações! Na vida não representamos nossa existência e, ela não é um palco iluminado como pretendia o poeta.

A vida é um processo de lutas, confrontos, especialmente, vividos pelos mais pobres!

Assim se avança no processo de conhecimento, coletiva, disciplinar e competentemente.

Somos todos gratos a Cesar Mendes pela sua contribuição e colaboração competente para a compreensão de uma geografia da desigualdade que é expressa pelas paisagens verticalizadas das metrópoles.

Naquele início dos anos 90 do século passado, ainda estávamos decifrando o livro *Por uma Geografia Nova*, aliás, o último de Milton Santos a ser lido, de toda sua produção intelectual, diante de sua complexidade e densidade. E, nos debruçávamos também no *Espaço & Método*, editado em 1985, dando-nos um susto metodológico!

Milton Santos nos deixou uma obra complexa e difícil de ser compreendida diante da fácil geografia descritiva que nos era e que é, majoritariamente, ensinada nas universidades até hoje. Por ser difícil é pouco lida e, menos ainda, compreendida.

Contudo, conceitos revisitados por ele são sempre usados e repetidos, mais como palavra, do que como conceito. É de bom tom falar de território, mas ele só existe quando usado. Esse conceito tornado palavra atribui um sentido equivocado ao espaço geográfico propiciando uma despolitização nas urgentes e importantes discussões sobre o sentido desse espaço como instância, para a vida humana, tarefa que a disciplina geográfica precisará enfrentar, para não se dissolver completamente, sob pena de faltar com a ética do conhecimento.

Temos obrigação de compreender o espaço humano, indispensável para compreender o presente e o futuro do mundo.

É ai que começa a autoestrada a ser construída, a partir das trilhas, das veredas, dos caminhos, das estradas percorridas...

Até bem pouco tempo, nosso querido colega, amigo, aluno esteve conosco...

Agora seremos outros, afetivamente acompanhados por todos os que se foram e, já estiveram conosco!

Até um dia Cesar Mendes! Gratidão pela sua preciosa colaboração para a compreensão do mundo novo!

## 5 REFERÊNCIAS

BENACH, N. Richard Peet. **Geografia contra el neoliberalismo**. Barcelona: Icaria -, 2012. (*Espacios críticos*).

BERGSON, H. **Oeuvres**. Paris: PUF, 1959.

BOSI, E. **Memória e sociedade. Lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FRANCISCONI, Jorge Guilherme; DE SOUZA, Maria Adélia Aparecida. **Política nacional de desenvolvimento urbano: estudos e proposições alternativas**. Instituto de Planejamento Econômico e Social, Instituto de Planejamento, 1976.

FRANCISCONI, J.G e SOUZA, M.A. **Política Nacional de Desenvolvimento Urbano: Estudos e proposições alternativas**. Brasília: 1976. (*Estudos para o Planejamento*, n. 15),

MENDES, C. M. **O edifício no jardim: um plano destruído - a verticalização de Maringá**. Tese (Doutorado em Geografia) Programa de Geografia Humana da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 19992.

MENDES, C.M. Maringá, uma metrópole em formação e sua verticalização (uma nota prévia). **Boletim de Geografia Teórica**. Rio Claro, UNESP, , 1992.

SANTOS, M. **Por uma Geografia nova**. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1978.

SANTOS, M. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Nobel, 1987.

SANTOS, M. **O trabalho do geógrafo no terceiro mundo**. São Paulo: Hucitec, 1978.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**. São Paulo: Edusp, 2008.

SOUZA, M.A. **A identidade da metrópole**. São Paulo: Hucitec/EduspP, 1994.

*Data de recebimento: 14 de outubro de 2018.*

*Data de aceite: 01 de novembro de 2018.*